



Mulheres e homens em grupos ocupacionais homogêneos: elas tendem a ganhar menos!

SISTEMA **PEDE**
PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

DIIESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

SEADE
Fundação Sistema Estadual
de Análise de Dados

FAT
AMPARO AO
TRABALHADOR

Ministério do
Trabalho e Emprego

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Mulheres e homens em grupos ocupacionais homogêneos: elas tendem a ganhar menos!

Mesmo em um contexto de melhora geral do mercado de trabalho, a remuneração das mulheres continua a ser menor que a dos homens.

Na investigação das causas dessa desigualdade, tornou-se frequente o diagnóstico de que a desvalorização do trabalho feminino seria decorrência das inserções ocupacionais a que homens e mulheres estão sujeitos. Nesse sentido, as mulheres teriam remunerações menores por usualmente se dedicarem a atividades ligadas aos cuidados e à reprodução da força de trabalho (serviços domésticos, saúde e educação) e a funções de apoio e execução. Já a população masculina, com maior frequência, se ocupa da produção e construção, dos ramos do segmento terciário especializados no suporte à geração de riqueza (crédito, logística etc.) e desempenha funções de direção e planejamento. Notadamente seria mais prestigiada e valorizada.

Com base nesta situação de divisão sexual do trabalho, vale analisar se os ganhos de homens e mulheres estão equiparados quando a inserção profissional de ambos ocorre em segmentos produtivos similares.

A fim de comparar os níveis de remuneração de homens e mulheres em ocupações homogêneas, o DIEESE produziu este Boletim a partir de informações captadas pelo Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (SPED nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, entre 2011 e 2013.

Uma proposta de marco de comparabilidade para remunerações que homens e mulheres recebem por seu trabalho - grupos ocupacionais homogêneos

Com o propósito de identificar situações em que homens e mulheres desenvolvem atividades produtivas similares, como base para comparabilidade das remunerações, para este Boletim, foi gerada uma tipologia específica de grupos ocupacionais. Isso exigiu que ocupações semelhantes fossem aglutinadas a partir de um conjunto de critérios que envolveram a proximidade da natureza da ocupação ou o saber envolvido para realizá-la; o nível de escolaridade do segmento produtivo; a dispersão dos rendimentos; o setor e o ramo de atividades afins; e o número amostral mínimo para estudo do fenômeno.

Desta forma, foram obtidos grupos ocupacionais homogêneos para cada uma das regiões analisadas, o que visou contemplar as peculiaridades das estruturas produtivas locais. Para cada grupo ocupacional, foram processadas informações como a proporção de homens e mulheres, anos médios de estudo, proporção de chefes de família, número de horas semanais trabalhadas e rendimentos médios - para ambos os sexos e a população ocupada com idade entre 16 e 60 anos.

Como resultado, naturalmente, alguns dos grupos ocupacionais apresentaram forte predominância de um ou de outro sexo, inviabilizando a comparabilidade direta dos rendimentos em nível ocupacional. Esta situação exigiu que a análise dos resultados fosse dividida em momentos. Primeiramente, o exame dos dados foi realizado confrontando os rendimentos médios de homens e mulheres individualmente para cada grupo ocupacional homogêneo para os quais a presença dos dois sexos era razoavelmente equilibrada. Em um segundo momento, focalizando os grupos ocupacionais de predominância masculina e de predominância feminina, foi analisado o comportamento médio dos rendimentos de homens e mulheres.

Grupos homogêneos e de rendimentos comparáveis

Entre os 175 grupos ocupacionais, considerados similares pelos critérios adotados neste Boletim, em 104 foi possível obter um comparativo entre as remunerações que homens e mulheres receberam por hora, no triênio 2011-2013.

Caracterizados pelo maior equilíbrio dos contingentes feminino e masculino, esses grupos de rendimentos diretamente comparáveis eram expressivos na estrutura ocupacional das metrópoles analisadas, ultrapassando 60% do número total de grupos ocupacionais homogêneos, na maioria das regiões. Apenas em Porto Alegre e em Recife, este quadro merece ressalvas, pois as duas apresentaram uma divisão sexual do trabalho mais nítida segundo a tipologia construída. Na área metropolitana da capital gaúcha, a presença mais equitativa dos sexos ficou restrita a 45,9% do total dos grupos homogêneos de ocupação, enquanto em Recife, este percentual alcançou pouco mais da metade dos grupos (51,7%) - Tabela 1.

TABELA 1
Número de grupos ocupacionais homogêneos, grupos ocupacionais homogêneos com rendimentos comparáveis e proporção de mulheres em grupos homogêneos
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013

Regiões	GRUPOS OCUPACIONAIS HOMOGENOS (Nº Absoluto)	GRUPOS OCUPACIONAIS HOMOGENOS COM RENDIMENTOS COMPARÁVEIS		
		Número Absoluto	Proporção no total de Grupos Ocupacionais (%)	Proporção de mulheres (%)
Belo Horizonte	28	18	64,3	50,5
Fortaleza	24	18	75,0	55,7
Porto Alegre	37	17	45,9	49,5
Recife	29	15	51,7	51,3
Salvador	22	15	68,2	51,8
São Paulo	35	21	60,0	48,6
TOTAL	175	104	59,4	***

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Diferenças de remuneração entre homens e mulheres em grupos ocupacionais homogêneos

A presença feminina em boa parte da estrutura ocupacional das áreas metropolitanas onde existe relativa igualdade entre os sexos parece contribuir pouco para o alcance da equidade. Isso pode ser percebido com as diferenças relevantes entre os ganhos de homens e mulheres, que persistem mesmo quando a inserção se dá em grupos com ocupações homogêneas. No triênio 2011-2013, em um painel conformado por esses recortes, o rendimento hora das trabalhadoras era menor, em média, entre 25% (Fortaleza) e 29% (São Paulo), nas áreas de produção mais industrializadas e no patamar de 18%, em Salvador e Recife (Tabela 2).

Se, por definição, essas discrepâncias não podem ser atribuídas ao tempo dedicado ao trabalho, já que têm por base a remuneração por hora, tampouco podem ser reportadas a diferenças de escolaridade. Nesses grupos ocupacionais homogêneos, em média, a educação formal dos trabalhadores equivalia ao ensino médio incompleto, e, quando observadas variações em torno deste parâmetro, o número de anos que mulheres haviam dedicado aos estudos excedia o observado para os homens. Apenas nas áreas metropolitanas de Belo Horizonte e de Porto Alegre, o avanço escolar era idêntico para ambos os sexos.

TABELA 2
Proporção de mulheres e de mulheres chefes de família, anos médios de estudo e rendimento médio real por hora por sexo da população na faixa etária de 16 a 60 anos ocupada em grupos ocupacionais homogêneos e com rendimentos comparáveis por sexo¹
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011, 2012 e 2013

REGIÕES METROPOLITANAS	PROPORÇÃO DE MULHERES		ANOS MÉDIOS DE ESTUDO			RENDIMENTO MÉDIO REAL POR HORA (R\$) (2) (3)		
	Total	Chefes de Domicílio	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Diferenças (%) Mulheres/Homens
Belo Horizonte	50,5	23,9	10,8	10,8	10,8	11,64	8,61	26,0
Fortaleza	55,7	24,4	9,4	9,3	9,5	7,09	5,35	25,0
Porto Alegre	49,5	23,1	10,5	10,5	10,5	11,15	8,06	28,0
Recife	51,3	22,1	10,3	10,0	10,6	7,31	6,03	18,0
Salvador	51,8	24,6	10,3	9,9	10,6	7,39	6,24	16,0
São Paulo	48,6	21,5	10,3	10,2	10,5	12,70	9,02	29,0

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: 1) Excluídos os que não declararam a ocupação; 2) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício; 3) Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD; INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP. Valores em reais de novembro de 2013

Embora os estudos dedicados à constatação da desigualdade calcada nas diferenças sexuais venham superando largamente as reflexões sobre as consequências desta realidade, infere-se que a repercussão das restrições vivenciadas pela parcela feminina da população seja substantiva. O volume crescente de responsabilidades assumidas pelas mulheres, em espaços públicos e na manutenção familiar, sinaliza isso. Já a proporção de mulheres que chefia domicílios e famílias é indicador que traduz, de maneira sintética, essas tendências.

Entre os grupos ocupacionais homogêneos com condições de comparabilidade dos rendimentos entre os sexos, mais de um quinto das mulheres eram chefes de família -

destacando-se as situações identificadas nas regiões metropolitanas de Salvador e de Fortaleza, nas quais estas proporções alcançavam, respectivamente, 24,6% e 24,4%.

Conjugada às demais informações que apontam a desvalorização do trabalho feminino disseminada na estrutura ocupacional das metrópoles, sem dúvida, a responsabilidade que recai sobre as chefes de família completa um quadro de preocupação social. Existem elementos concretos para compreender que os obstáculos enfrentados pelas mulheres no mundo econômico não se restringem à categoria de problemas de um grupo vulnerável, sendo, ao contrário, um dos fatores de limitação do bem-estar de contingentes populacionais mais amplos. Um quadro a ser mais bem retratado ainda com o reconhecimento da co-provedoria feminina na manutenção de domicílios e famílias, ponto a ser incluído na agenda de estudos futuros.

Equidade das remunerações e desvalorização do trabalho feminino: grupos ocupacionais de destaque

As estatísticas de mercado de trabalho frequentemente propiciam a construção de indicadores-síntese, que, relevantes e úteis, permitem dar contornos a questões de envergadura social. Muitas vezes, contudo, esta ferramenta apresenta alcance limitado para apontar segmentos ou situações que devem ser alvo da atuação de grupos de interesses, movimentos sociais ou dirigentes públicos que atuam no intuito de amenizar ou superar problemas.

Na organização de informações proposta neste estudo, contudo, foi possível avançar neste sentido, pois, foram identificados os grupos ocupacionais em que as remunerações das mulheres, no triênio 2011-2013, ficaram equiparadas ou ultrapassaram as auferidas pelo homens e aqueles em que eram maiores as discrepâncias desfavoráveis às trabalhadoras. Pretende-se, com isso, oferecer elementos para o tratamento das desigualdades extremas de rendimento entre os sexos, com estratégias e ações de enfrentamento da discriminação mais articuladas com os atores diretamente envolvidos no segmento produtivo em questão. Adicionalmente, esperam-se que as caracterizações de situações de maior equidade, mesmo breves, possam agregar conhecimento sobre a inserção ocupacional das mulheres em um plano mais amplo.

Grupos ocupacionais em que a remuneração das mulheres se iguala ou supera a dos homens

No painel de ocupações homogêneas, construído para as regiões de cobertura do Sistema PED, é escasso o número de grupos ocupacionais nos quais a remuneração média das mulheres é equivalente ou maior que a auferida pelos homens. Considerando as informações apuradas no triênio 2011-2013, com estas características, foram identificados dois grupos em Belo Horizonte e em São Paulo e apenas um nas áreas metropolitanas de Fortaleza e de Salvador. Na aglomeração de Recife, um segmento ocupacional registrou equivalência no rendimento hora entre os sexos, enquanto na de Porto Alegre, esta situação não foi identificada.

Entre esses grupos mais equitativos, por sua vez, sobressai, com nitidez, a maior escolaridade dos contingentes femininos, que, acumulavam entre 1,5 ano (Fortaleza) e 4,1 anos (São Paulo) de vivência escolar à frente dos homens. No caso dos mecânicos de veículos, montadores da indústria metalúrgica, artesãos, carpinteiros e encanadores, da Região Metropolitana de São Paulo, tais diferenças chegavam a equivaler a um grau de ensino - ou seja, entre o ensino médio incompleto (homens) e o ensino superior incompleto (mulheres).

Aliás, o nível médio de escolarização que prevalecia entre as mulheres que haviam igualado ou superado os ganhos masculinos era o superior incompleto, que, ao ser concluído, corresponde a 15 anos de estudo. Exceções, com escolarização compatível, respectivamente, ao ensino fundamental incompleto e ensino médio recém-iniciado, foram observadas entre os profissionais de limpeza, em São Paulo, e baleiros, bilheteiros e profissionais afins, em Salvador. Configura-se, assim, uma situação que sugere a incidência de mulheres dedicadas ao exercício de funções cuja regulamentação exige formação escolar ou ainda que galgaram uma posição ocupacional em cargos de supervisão, planejamento, gestão ou chefia (Tabela 3).

TABELA 3
Anos médios de estudo e rendimento médio por hora de homens e mulheres em grupos ocupacionais homogêneos com rendimentos comparáveis por sexo⁽¹⁾ em que as remunerações femininas superaram as masculinas - Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013

Regiões e Grupos Ocupacionais	Anos médios de Estudo		Rendimento médio por hora (R\$) ^{(2) (4)}		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Diferença % Mulheres/Homens
Belo Horizonte					
Diretores de escolas, professores do 2º grau (serviços de educação)	12,5	14,2	14,41	15,60	8,3
Profissionais técnicos diversos, pesquisadores e desenhistas (serviços especializados)	12,0	13,6	13,12	13,79	5,1
Fortaleza					
Almoxarifes, supervisores administrativos, auxiliares contabilidade (outros serviços)	10,3	11,8	6,08	7,12	17,1
Recife					
Encarregado (diversos setores)	11,0	13,2	10,71	10,68	-0,3
Salvador					
Baleiros, bilheteiros e outros profissionais afins (comércio)	6,8	8,8	3,98	4,43	11,3
São Paulo					
Mecânicos de veículos, montadores da indústria metalúrgica, artesãos, carpinteiros e encanadores	8,7	12,8	10,18	13,05	28,2
Profissionais de limpeza	6,0	6,7	4,63	5,20	12,3

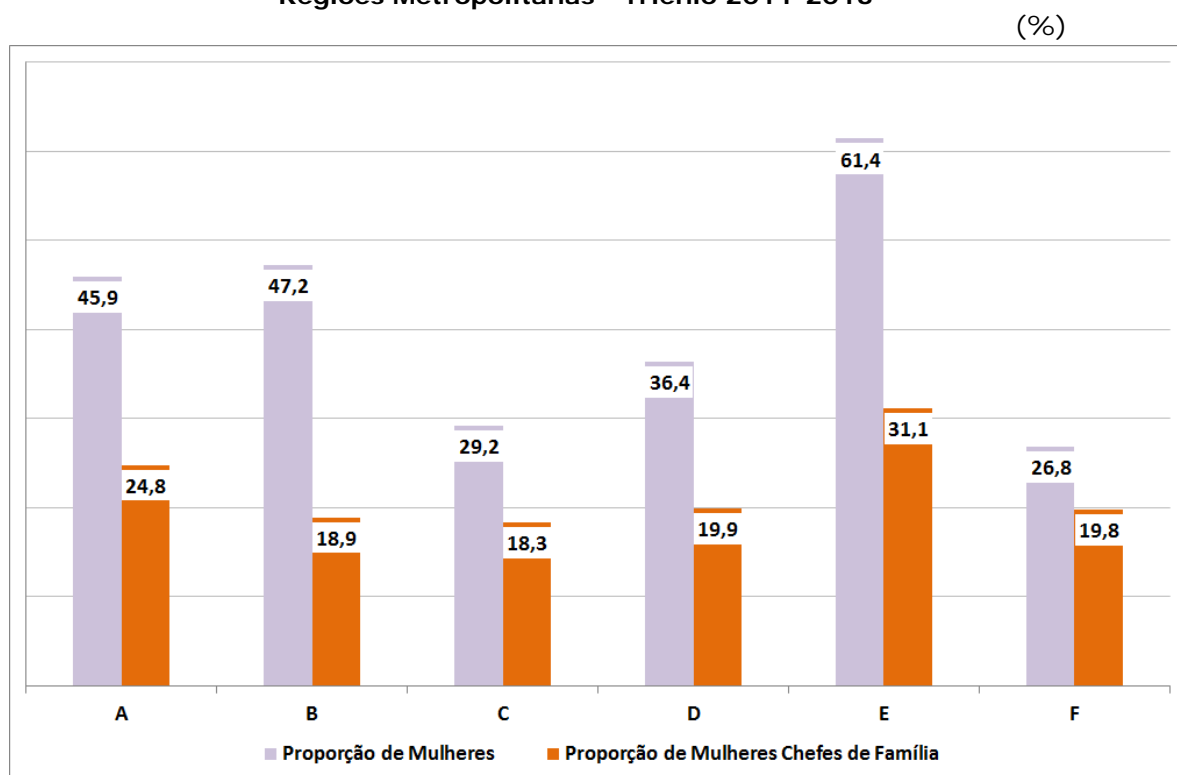
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Elaboração: DIEESE

Nota: 1) Excluídos os que não declararam a ocupação; 2) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício; 3) Inflator utilizado - IPCA-BH (IPeAd). Valores em reais de novembro de 2013

Nesses grupos ocupacionais, o volume de trabalhadoras era bastante diverso: correspondia à expressiva maioria dos contingentes de ocupados nos segmentos de *profissionais de limpeza*, em São Paulo (86,5%), e entre os baleiros e bilheteiros, em Salvador (61,4%);

enquanto ficava limitado a 26,8% dos mecânicos, metalúrgicos, carpinteiros e encanadores de São Paulo e 29,2% dos almoxarifes, supervisores administrativos e auxiliares de contabilidade, em Fortaleza. A proporção de mulheres responsáveis ou chefes de família entre as ocupadas nesses grupos ocupacionais, por sua vez, também é maior entre profissionais de limpeza e baleiras, bilheteiras e menor entre os profissionais de escritório (almoxarifes, supervisores administrativos e auxiliares de contabilidade), o que pode estar relacionado a fatores como idade - fator a ser explorado em agenda de estudos no futuro (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Proporção de mulheres e mulheres chefes de família em grupos ocupacionais homogêneos com rendimentos comparáveis por sexo¹ em que as remunerações femininas superaram as masculinas
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Grupos Ocupacionais Homogêneos

- a) Diretores de escolas, professores do 2º grau - Belo Horizonte
- b) Profissionais técnicos diversos, pesquisadores e desenhistas - Belo Horizonte
- c) Almoxarifes, supervisores administrativos, auxiliares contabilidade - Fortaleza
- d) Encarregados - Recife
- e) Baleiros, bilheteiros e outros profissionais afins - Salvador
- f) Mecânicos de veículos, montadores da indústria metalúrgica, artesãos, carpinteiros e encanadores - São Paulo

Grupos ocupacionais em que a remuneração das mulheres é menor que a dos homens

Na organização de informações apresentada neste estudo, procurou-se responder argumentos que usualmente procuraram relativizar a desvalorização do trabalho feminino. Assim, as remunerações foram consideradas por hora, com o objetivo de dirimir dúvidas a respeito das discrepâncias entre as jornadas de trabalho de homens e mulheres. Também foram criados grupos de ocupações ou ofícios similares, para que a natureza produtiva da inserção produtiva de ambos os sexos fosse próxima. Estes procedimentos indicaram que existem grupos ocupacionais em que há predomínio de um dos sexos em funções especializadas, o que impede a comparação consistente das remunerações. Todavia, esta não é a situação predominante na divisão sexual do trabalho de grandes centros urbanos brasileiros, onde prevalecem os segmentos produtivos dos quais numerosos contingentes de homens e de mulheres participam.

A questão enfocada neste estudo é que nos espaços ocupacionais em que homens e mulheres produzem solidariamente, elas têm menor remuneração. Por certo, nestes segmentos é e sempre será possível, identificar poucas mulheres que, por particularidades das carreiras profissionais, alcançaram remuneração superior à da maioria dos homens, mas o que os dados de grande amplitude populacional informam é que tratam-se de exceções, incapazes de alterar os resultados médios por grupo ocupacional. Abaixo foram selecionados alguns desses grupos ocupacionais.

Nesses segmentos, as mulheres também apresentam escolaridade mais avançada e, em geral, compatível com o ensino superior incompleto. As únicas exceções, em relação aos anos de estudos, foram identificadas em Porto Alegre (caldeireiro e outros profissionais da indústria metalmecânica) e em Recife (vendedores), grupos ocupacionais em que a escolarização das mulheres correspondia às séries iniciais do ensino médio, ainda assim também superior à do grupo masculino (Tabela 4).

TABELA 4

Anos médios de estudo e rendimento médio por hora de homens e mulheres em grupos ocupacionais homogêneos com rendimentos comparáveis por sexo¹⁾ em que as remunerações femininas ficaram expressivamente abaixo das masculinas
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013

Regiões e Grupos Ocupacionais	Anos médios de Estudo		Rendimento médio por hora (R\$)		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Diferença % Mulheres/Homens
Belo Horizonte					
Representantes comerciais e corretores	11,5	11,9	15,27	9,83	-35,6
Guardas, almoxarifes, cobradores nos transportes	10,4	11,1	9,45	6,19	-34,5
Fortaleza					
Gerentes comerciais (comércio)	8,0	8,2	7,34	4,20	-42,8
Profissionais do ensino médio, instrutores livres e outras profissões (educação)	11,4	11,8	11,26	7,31	-35,1
Porto Alegre					
Caldeireiros e outros profissionais afins na indústria metalmeccânica	8,8	9,1	7,99	5,22	-34,7
Gerentes de operações comerciais e de assistência técnica	15,0	15,0	9,44	7,12	-24,6
Recife					
Pesquisadores e outros profissionais de nível técnico	11,6	12,0	9,78	7,28	-25,6%
Vendedores	8,5	9,1	4,82	3,58	-25,7
Salvador					
Assistentes administrativos, auxiliares de contabilidade e secretárias.	11,7	11,8	10,54	6,94	-34,2
Enfermeiros não diplomados e outros profissionais de serviços e comércio	11,4	11,7	10,61	8,35	-21,3
São Paulo					
Pracistas, corretores e promotores.	12,0	12,2	17,28	11,53	-33,3
Vendedores	9,7	10,0	8,71	5,96	-31,6

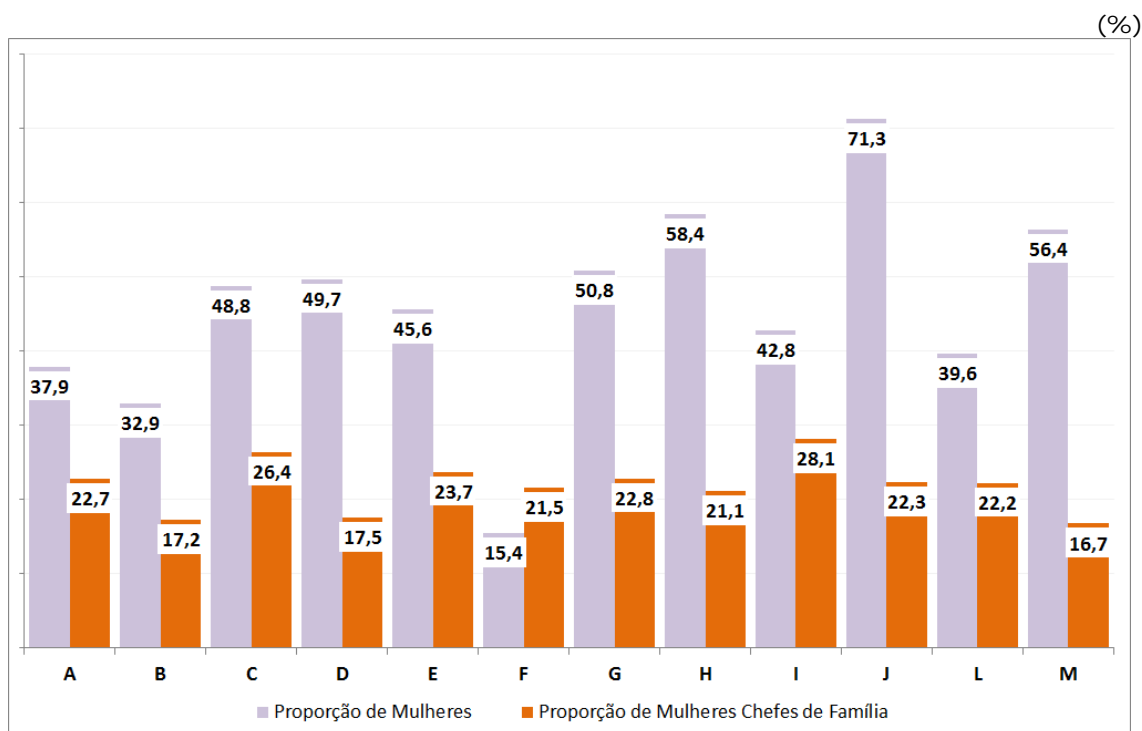
Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluídos os que não declararam a ocupação; (2) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício; (3) Inflator utilizado - IPCA-BH (IPead). Valores em reais de novembro de 2013

Nesses grupos, a presença das mulheres tendia a ser massiva, variando entre 32,9% no contingente de guardas, almoxarifados, cobradores nos transportes de Belo Horizonte e 71,3% no de enfermeiros não diplomados e outros profissionais de serviços e comércio de Salvador, ressaltando-se apenas gerentes de operações comerciais e de assistência técnica (15,4%) de Porto Alegre. Entre as mulheres desses segmentos, a chefia familiar era, em geral, relevante, inferior a 20% apenas entre guardas, almoxarifados, cobradores nos transportes da RM Belo Horizonte (17,2%); profissionais do ensino médio, instrutores livres e outras profissões (educação), em Fortaleza (17,5%) e; vendedoras, na RM São Paulo (16,7%) - Gráfico 2.

GRÁFICO 2
Proporção de mulheres e mulheres chefes de família em grupos ocupacionais homogêneos com rendimentos comparáveis por sexo em que as remunerações masculinas superaram as femininas
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Obs.: Grupos ocupacionais homogêneos

- a) Representantes comerciais e corretores - Belo Horizonte
- b) Guardas, almoxarifados, cobradores nos transportes - Belo Horizonte
- c) Gerentes comerciais (comércio) - Fortaleza
- d) Profissionais do ensino médio, instrutores livres e outras profissões (educação) - Fortaleza
- e) Caldeireiros e outros profissionais afins, na indústria metal-mecânica - Porto Alegre
- f) Gerentes de operações comerciais e de assistência técnica - Porto Alegre
- g) Pesquisadores e outros profissionais de nível técnico - Recife
- h) Vendedores - Recife
- i) Assistentes administrativos, auxiliares de contabilidade e secretárias - Salvador
- j) Enfermeiros não diplomados e outros profissionais de serviços e comércio - Salvador
- l) Praticantes, corretores e promotores - São Paulo
- m) Vendedores - São Paulo

Diferenciais de remuneração em grupos ocupacionais homogêneos tipicamente femininos e tipicamente masculinos

Buscando outra perspectiva, o exercício proposto neste estudo focalizou a discrepância de rendimentos entre homens e mulheres, engajados em grupos ocupacionais homogêneos, cuja característica é a predominância de um dos sexos - 80,0% ou mais. Assim, esses segmentos que não possibilitaram a comparação das remunerações, pela elevada predominância de um dos sexos, agora, tomados em dois conjuntos, viabilizaram a comparação dos níveis médios das remunerações mensais, das jornadas de trabalho, dos níveis de escolaridade e rendimentos médios por hora.

A partir dessas estatísticas, foi possível visualizar que os rendimentos médios reais por hora nos grupos ocupacionais homogêneos predominantemente masculinos superaram os pagos naqueles aglomerados de ocupações consideradas femininos, no triênio 2011-2013. Algo relativizado apenas pela situação encontrada em Porto Alegre, onde, nas ocupações típicas de mulheres, os ganhos por hora excediam os recebidos pelos homens nas atividades comumente exercidas por eles em R\$ 0,20 por hora. As maiores diferenças entre os rendimentos médios dos dois grupos de ocupações foram encontradas nas regiões metropolitanas de Fortaleza (- 41,2%), de Salvador (-34,2%) e de Recife (-30,2%) - Tabela 5.

Conflui para os resultados encontrados uma dinâmica nítida de remunerações mensais menores nos grupos de ocupações em que predominam as trabalhadoras, associada a um padrão de jornadas semanais mais restritas. O número médio de horas trabalhadas nos grupos de predominância feminina era inferior ao número de horas dos grupos onde havia mais homens - com grandezas que alcançavam 7 horas de diferença por semana em São Paulo e em Porto Alegre e 6 horas em Belo Horizonte.

TABELA 5
Rendimento médio mensal, número de horas trabalhadas e rendimento médio por hora dos ocupados, na faixa etária entre 16 e 60 anos, em grupos ocupacionais homogêneos com predominância de um dos sexos¹
Regiões Metropolitanas - Triênio 2011-2013

REGIÕES	RENDIMENTO MÉDIO MENSAL (R\$) ^{(2) (3)}		HORAS SEMANAIS TRABALHADAS		RENDIMENTO MÉDIO POR HORA (R\$) ^{(2) (3)}	
	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos
Belo Horizonte	1.431	1.080	43	37	7,78	6,82
Fortaleza	1.032	579	44	42	5,48	3,22
Porto Alegre	1.537	1.334	45	38	7,98	8,20
Recife	1.138	712	48	43	5,54	3,87
Salvador	1.222	712	44	39	6,49	4,27
São Paulo	1.438	1.035	44	37	7,64	6,54

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui os ocupados que não declararam a ocupação; (2) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício; (3) Inflator utilizado - IPCA-BH (Ipead). Valores em reais de novembro de 2013

Nos grupos ocupacionais homogêneos de predominância masculina, as mulheres representavam 7,4% dos trabalhadores na Região Metropolitana de Porto Alegre; 6,7% na RM São Paulo e na RM Salvador; 5,1% na RM Fortaleza; 4,8%, na RM Recife; e 4,9%, na RM Belo Horizonte. Em média, essas mulheres eram mais escolarizadas que os homens inseridos nessas ocupações e, em geral, obtinham remunerações por hora inferiores às deles.

Por sua vez, em ocupações majoritariamente ocupadas por mulheres, a presença masculina era mais frequente, ficando, no período em análise, abaixo dos 10% apenas em Recife (5,0%) e Salvador (5,0%). Esses homens, invertendo a situação encontrada em todas as demais estratificações apresentadas neste estudo, tinham escolaridade mais avançada do que as mulheres dos mesmos segmentos produtivos e, seguindo tendência identificada em várias outras circunstâncias, alcançavam remunerações maiores que as delas (Tabela 6).

TABELA 6
Distribuição dos ocupados inseridos em grupos ocupacionais de predomínio masculino e/ou feminino e idade entre 16 e 60 anos, anos médios de estudo e rendimento médio por sexo ⁽¹⁾ - Regiões Metropolitanas – triênio 2011-2013

GRUPOS OCUPACIONAIS PREDOMINANTEMENTE MASCULINOS							
Regiões Metropolitanas	Distribuição (%)		Anos de Estudo		Rendimento ⁽²⁾ ⁽³⁾		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Diferenças % Mulheres/Homens
Belo Horizonte	95,1	4,9	8,0	10,0	7,86	6,81	-13,4
Fortaleza	94,9	5,1	7,2	8,9	5,56	4,14	-25,5
Porto Alegre	92,6	7,4	8,5	9,5	8,14	6,48	-20,4
Recife	95,2	4,8	8,1	10,2	5,56	5,96	7,2
Salvador	93,3	6,7	8,4	10,1	6,43	6,36	-1,1
São Paulo	93,3	6,7	8,0	9,0	7,64	5,77	-24,5
GRUPOS OCUPACIONAIS PREDOMINANTEMENTE FEMININOS							
Regiões Metropolitanas	Distribuição (%)		Anos de Estudo		Rendimento ⁽²⁾ ⁽³⁾		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Diferenças % Mulheres/ Homens
Belo Horizonte	11,3	88,7	10,9	9,0	9,43	6,45	-31,6
Fortaleza	12,6	87,4	6,7	7,1	3,24	3,27	0,9
Porto Alegre	13,1	86,9	11,4	9,9	11,35	7,65	-32,6
Recife	5,9	94,1	9,3	8,3	5,60	3,75	-33,0
Salvador	5,0	95,0	12,8	8,6	(4)	4,02	(4)
São Paulo	10,6	89,4	8,5	8,1	6,96	6,52	-6,3

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluídos os ocupados que não declararam a ocupação; (2) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício; (3) Inflator utilizado - IPCA-BH (Ipead). Valores em reais de novembro de 2013

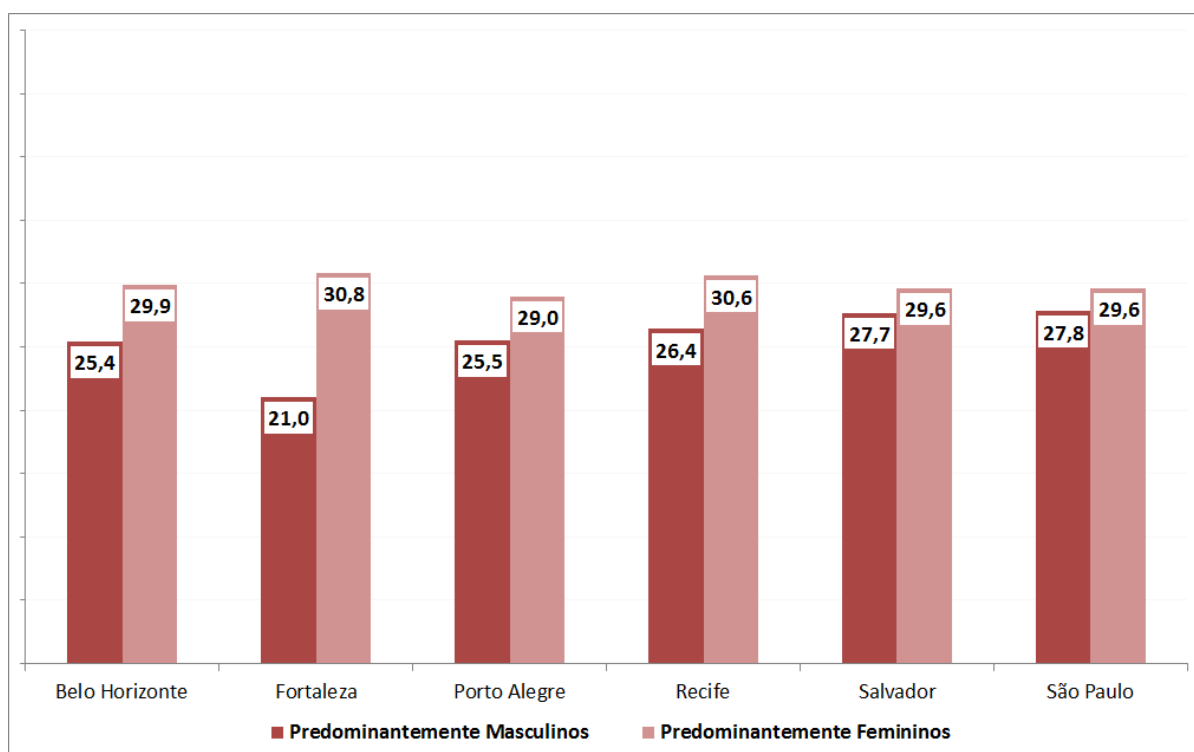
Por fim, quando as informações de renda são confrontadas apenas entre as mulheres, identifica-se que nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Recife e Salvador, os rendimentos daquelas inseridas em grupos ocupacionais tipicamente masculinos ultrapassavam os das mulheres que atuavam em grupos predominantemente femininos. Na Região Metropolitana de Recife, o rendimento médio por hora de uma mulher que trabalhava em uma ocupação predominantemente masculina (R\$ 5,96) superava em 37,1% os ganhos de uma ocupada em inserções nas quais o sexo feminino era majoritário (R\$ 3,75).

Nas regiões metropolitanas de Porto Alegre e de São Paulo, por sua vez, a situação é inversa: o ganho das mulheres em ocupações nas quais há predominância de mão de obra

feminina excedia em 18,1% e 13,0%, respectivamente, o daquelas que estavam no universo de trabalho masculino. Nos dois casos, as vantagens conquistadas pelas trabalhadoras de segmentos tidos como femininos resultam de rendimentos médios reais ligeiramente maiores, ampliados pelo efeito de jornadas de trabalho menores. Ademais, nessas metrópoles, o número de anos de estudo das trabalhadoras em segmentos femininos ultrapassava o observado entre mulheres dos segmentos masculinos.

Entre as mulheres que atuam em grupos ocupacionais onde há predominância de um dos sexos, a proporção de chefes de família era ligeiramente superior ao verificado entre trabalhadoras em segmentos ocupacionais caracterizados pela presença equilibrada de homens e mulheres. Também nessas circunstâncias, então, registra-se que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres repercute amplamente na sociedade (Gráfico 3).

GRÁFICO 3
Proporção mulheres de chefes de família entre as ocupadas⁽¹⁾, de 16 a 60 anos, inseridas em grupos ocupacionais tipicamente femininos e tipicamente masculinos
Regiões Metropolitanas - triênio 2011-2013



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Nota: 1) Excluídas as que não declararam a ocupação